

Coleção Aventuras Grandiosas

**Oscar Wilde**

# O RETRATO DE DORIAN GRAY

Adaptação de Ana Carolina Vieira Rodriguez

2ª Edição

 **EDITORIA  
RIDEEL**

## Capítulo 1

## O QUADRO

A tarde de verão estava agradável, com poucas nuvens flutuando no céu azul. Lorde Henry e Basil Hallward conversavam no estúdio de pintura de Basil **ACERCA** de um enorme quadro com a figura de um rapaz.

— Por que você não quer expor esta tela? — perguntou Lorde Henry.

— Porque ilustra Dorian Gray — respondeu o artista.

— Então este é seu nome, Dorian Gray?

— Eu não devia ter dito.

— Ora, por quê?

— Quando gosto muito de alguém, não quero que os outros saibam seu nome.

Lorde Henry deu risada e disse:

— Caro Basil, seu modo de gostar é ingênuo demais. Você só conhece as **TRIVALIDADES** do amor. Veja meu exemplo de homem casado. Minha mulher e eu nos enganamos praticamente toda semana. Só assim nossa relação sobrevive e só dessa forma podemos ambos conhecer as glórias e as tragédias do amor.

— Você não sabe o que diz.

— Mas conte-me, como conheceu Dorian Gray?

— Numa festa na casa de Lady Brandon. Assim que o vi entre os convidados, percebi que estava diante da pessoa que mudaria minha vida e minha arte para sempre. Tentei ir embora, fugir. Tive medo, pois sabia que, a partir daquele momento, iria viver horas de muita alegria, mas também de muita angústia. Lady Brandon me puxou de volta para a festa, indo justamente me apresentar a Dorian Gray.

— O que foi que ela disse?

— “Este é o sr. Gray. Esqueci o que ele faz... acho que toca piano. Ah não! Deve ser violino!” Nós dois demos risada e passamos o resto da noite conversando. Mais tarde, ele contou que era pianista e disse que, assim que me viu, sentiu que nos tornaríamos amigos.

— Mas você ainda não me explicou por que não vai expor o retrato de Dorian Gray.

— Você não entenderia. Ninguém entenderia.

— Tente.

— Pois bem, esta pintura revela toda a minha alma através do rosto de Dorian Gray. Receio que o público descubra meu segredo mais íntimo.

📖 **ACERCA:** a respeito de, sobre

📖 **TRIVALIDADE:** com qualidade comum, corriqueira



— Que segredo, Basil? — perguntou Lorde Henry, curioso.

— Temo que percebam que Dorian Gray é **IMPRESINDÍVEL** para a minha arte. Sem ele eu não conseguiria mais retratar o mundo. Desde que o conheci, meu trabalho como pintor melhorou, eu diria que se superou. Mesmo quando estou pintando outra coisa que não seja ele, Dorian Gray está lá, vivo na tela em minha frente.

— E ele também gosta de você?

— Gosta, embora às vezes me trate com indiferença. Talvez eu o elogie demais e o faça sentir-se exageradamente vaidoso.

Nessa hora, o mordomo entrou e anunciou:

— O sr. Gray está aqui e deseja vê-lo, sr. Basil.

Lorde Henry quase bateu palmas:

— Finalmente irei conhecê-lo! — exclamou, ajeitando o girassol que levava na **LAPELA**.

Basil se chateou. Mandou que o mordomo fizesse o visitante entrar, depois advertiu Lorde Henry:

— Dorian Gray é a pessoa que mais **ESTIMO** no mundo. Não faça nada que estrague nossa amizade. Sua influência não é boa. Por favor, não me impeça de ser feliz. Minha vida e minha arte só dependem dele.

— Quanto drama, Basil! — disse Lorde Henry puxando o amigo pelo braço e levando-o até a sala de estar. Tinha um tom de **SARCASMO** na voz.

Dorian Gray estava bem à vontade, sentado ao piano tocando algumas notas. Assim que viu Basil, comunicou que estava cansado de posar para ele, que não queria mais ser modelo. Mas quando percebeu a presença de Lorde Henry, calou-se, envergonhado.

— Este é Lorde Henry Wotton, Harry para os mais íntimos. Ele é um velho amigo e eu estava justamente lhe dizendo que você é um excelente modelo. É uma pena que tenha desistido — disse Basil.

Dorian estendeu a mão para cumprimentar Lorde Henry, que falou:

— Acho que já o vi tocando a quatro mãos com minha tia no clube.

— Lady Agatha é sua tia? — perguntou o jovem de olhos azuis, cabelos loiros cacheados, boca bem desenhada e olhar determinado.

— Sim — respondeu Lorde Henry.

— Mande lembranças a ela e diga-lhe que devemos repetir a apresentação.



**IMPRESINDÍVEL:** que não se pode dispensar, abrir mão



**LAPELA:** parte de cima de um casaco ou paletó voltada para fora



**ESTIMO:** gosto, tenho apreço



**SARCASMO:** desdém, zombaria



Em seguida, como se tivesse esquecido de que não queria mais posar, seguiu Basil até o estúdio e sentou-se sobre a plataforma reservada aos modelos. Enquanto o artista preparava as tintas, ficou conversando com Lorde Henry.

— Basil nunca me falou do senhor... — disse o rapaz.

— Deve ser porque ele acha que influencio os amigos dele de maneira negativa.

— E é verdade?

Basil interrompeu:

— Seria melhor que Harry nos deixasse agora, Dorian. Preciso me concentrar para terminar este quadro ainda hoje. Nunca se sabe se você desistirá de posar amanhã.

— Se Lorde Henry sair, eu também saio — disse Dorian, num tom desafiador.

Basil não teve outra alternativa a não ser começar a pintar ouvindo a voz dos dois.

— Diga, Lorde Henry, o senhor é mesmo uma má influência para as pessoas?

— Qualquer que seja a influência, meu caro, ela não é benéfica. Uma pessoa influenciada não pensa mais por si mesma e o objetivo de estarmos neste planeta é ser nós mesmos, desenvolver nossas próprias qualidades.

— O senhor fala bonito — ironizou o jovem.

— O homem tem medo da vida, da sociedade, da religião, até de Deus. Eu diria que o homem tem medo de si mesmo. E por que, se o pecado é uma forma de purificação? Se pecamos, tudo o que permanece é uma sensação de prazer ou de desprazer posterior. Se não pecamos, permanece um desejo proibido que nos corrói. A única maneira de se livrar de uma tentação é entregar-se a ela. Veja você, Dorian, tão jovem, deve ter tido desejos, paixões que o deixaram aterrorizado, com vergonha e...

— Pare! Assim o senhor está me confundindo — ordenou o modelo levantando-se e caminhando para o jardim.

Lorde Henry o seguiu enquanto Basil observava os dois de longe.

— Toque nessas flores — sugeriu Lorde Henry. — Nada pode curar a alma a não ser os sentidos, assim como nada pode curar os sentidos a não ser a alma.

Dorian não disse nada, mas colocou as mãos sobre as flores. Sentia-se incomodado com tantas verdades. Lorde Henry estava colocando-o frente a frente com sua própria vida.

— Vamos sair desse sol forte — disse Lorde Henry. — Sua bela face não deve se queimar. A juventude é tudo na vida.

— Não compartilho dessa opinião — respondeu Dorian, então com dezoito anos.



— Isso porque você ainda não tem rugas, nem os olhos caídos. Deus foi generoso dando-lhe um rosto tão belo. Usufrua dele e de sua juventude como se fosse a única coisa que existisse. Não tenha medo da vida, procure vivê-la intensamente, cheia de sensações novas e prazerosas. Quando a juventude se vai, passamos a ser assombrados pelas coisas que evitamos viver por **COVARDIA**.

Os olhos de Dorian expressavam uma coisa diferente. Estava **ARREBATADO** pelas palavras de Lorde Henry. Nessa hora, Basil os chamou de volta ao estúdio. Os três permaneceram em silêncio por cerca de quinze minutos, Dorian sentado sobre a plataforma, até que o artista falou:

— O quadro está pronto.

— Deixe-me ver — disse Lorde Henry. — Meu Deus, Basil! É seu melhor quadro! Uma obra de arte! Quero comprá-la.

— Não posso vendê-la, Harry, pois ela pertence a Dorian — respondeu Basil.

O jovem se aproximou do cavalete e ficou parado, mudo. Mal conseguia escutar a voz de Basil, que perguntava:

— Não gostou? Por que não diz nada?

— Gostei, gostei muito, mas já o odeio! — gritou o rapaz. — Lorde Henry tem razão. Vou envelhecer, ficar feio e enrugado. E neste quadro permanecerei jovem para sempre. Quero uma fórmula que faça o quadro envelhecer e que me deixe ficar jovem! Por que, Basil? Por que você foi pintar este quadro? Um dia me sentirei ridículo ao olhar para ele! E você também me achará ridículo!

— Não diga isso, Dorian! Você é meu amigo mais querido. Nunca pensaria uma coisa dessas sobre você!

Dorian caiu sobre uma poltrona aos prantos. Com a voz entrecortada, Basil anunciou:




— Já... já sei o que vou fazer! Vou destruir a tela. É meu melhor trabalho, eu sei, mas se ele lhe causa tanto mal, vou rasgá-lo inteiro. Afinal, é só um pedaço de pano.

O artista pegou uma espátula bem afiada e se precipitou para o retrato, mas Dorian saltou da poltrona e segurou firme em seu pulso.

— Não faça isso! — implorou o rapaz. — Você estaria me matando.

Basil recuou, também soluçando, mas satisfeito por ver o retrato **INTACTO** diante de si.

Lorde Henry interveio dizendo:

-  **COVARDIA:** medo
-  **ARREBATADO:** dominado
-  **INTACTO:** intocado, ileso



— Agora basta de cenas! Preciso ir embora. Venha Dorian, posso dar-lhe uma carona até sua casa.

— Até logo, Dorian — falou Basil, abraçando seu modelo.

— Até logo — respondeu ele, cabisbaixo.

— Lembre-se do que lhe pedi — disse o artista a Lorde Henry. — Não estrague minha amizade com Dorian. Estou confiando em você.

Lorde Henry deu uma boa gargalhada e disse:

— Pudera eu confiar em mim mesmo.

## Capítulo 2

### A ATRIZ

No dia seguinte, Lorde Henry fez uma rápida visita a seu tio, Lorde Femor, que lhe deu informações preciosas sobre o modelo de seu amigo Basil Hallward.

— Dorian Gray é filho de Lady Margaret Devereux e neto de Lorde Kelso. A mãe era uma beleza de mulher. Tinha todos os homens a seus pés, mas preferiu fugir e se casar às escondidas com um pobretão. Lorde Kelso não se conformou. Alguns meses depois do casamento, mandou matar o rapaz e levou sua filha de volta para casa. Lady Margaret caiu numa profunda tristeza. Teve seu filho e morreu logo depois, doente de amor. O menino foi criado por **TUTORES** — explicou Lorde Femor.

No caminho de volta para casa, Lorde Henry pensou que a história de seu novo amigo era muito interessante. Havia uma mistura de amor e morte nela que o fascinava. Estava decidido a entrar de cabeça no espírito jovem de Dorian Gray e dominá-lo da mesma forma que o rapaz havia dominado o espírito de Basil Hallward sem saber.

Os dias se passaram e Lorde Henry e Dorian Gray foram ficando cada vez mais amigos. Jantavam ou almoçavam juntos de vez em quando, tinham conversas intermináveis, nas quais Dorian escutava mais do que falava. Lorde Henry era mesmo um **DÂNDI**. Acordava tarde e dormia tarde. Passava horas se perfumando e escolhendo roupas extravagantes para vestir, depois saía para aproveitar a noite londrina. Sua mulher e ele praticamente só se encontravam em eventos sociais. Ambos levavam vidas bastante independentes. Cerca de um mês depois de seu primeiro encontro com Lorde Henry, Dorian foi a casa dele dar-lhe uma notícia:

— Estou apaixonado! — anunciou o rapaz.

— Por quem? — perguntou Lorde Henry.

 **TUTOR:** protetor, pessoa legalmente encarregada de cuidar de alguém

 **DÂNDI:** homem que se veste com requinte excessivo



— O nome dela é Sibyl Vane e é uma atriz, a melhor que já existiu!

Os dois amigos acomodaram-se na sala de estar. Dorian continuou:

— Harry, você tem que me ajudar. Como faço para conquistar uma atriz? Ela é o amor da minha vida!

— Acalme-se, rapaz. Para começar, você não deve dizer que ela é o amor da sua vida, mas sim que é o primeiro amor da sua vida.

— Você está rindo, Harry. Você me acha uma pessoa **SUPERFICIAL**?

— É claro que não. As pessoas que amam apenas uma vez na vida são superficiais.

E você tem energia para amar muitas vezes. Mas, diga-me, como e quando a conheceu?

— Foi há três semanas. Por influência das coisas que você me diz, percebi que deveria aproveitar melhor a minha juventude.

— Não me diga! Conte-me como tudo aconteceu.

— Certa noite, resolvi sair pela cidade em busca de aventuras. Acabei entrando em um teatro, um lugar pobre, de quinta categoria. Quase fui embora, mas quando vi que a peça era Romeu e Julieta, resolvi esperar. E fiz bem, pois as cortinas se abriram e lá estava ela, minha Sibyl, com seus cabelos castanhos em trança, olhos cor de violeta, lábios que pareciam pétalas de rosa, no papel de Julieta. Sua voz é a mais bela já existente. Doce e suave no início para depois se transformar num som forte e determinado.

— Você já foi apresentado a ela?

— Passei a ir vê-la encenar toda noite. Em uma dessas noites, o dono do teatro me levou ao camarim. O homem achou que eu fosse algum empresário e me chamou de **MILORDE** na frente dela. Quando lhe disse que não era nenhum nobre, ela falou, com uma timidez encantadora: “Você se parece com um Príncipe Encantado”.

— Essa moça sabe elogiar, Dorian...

— Você não está entendendo, Harry. Ela não é uma dessas atrizes de maquiagem carregada e cabelos coloridos que você conhece.

— Essas mulheres que você despreza têm seu valor, caro Dorian.

— Sibyl é diferente. É pura, não conhece a vida. Vive com a mãe, uma velha atriz que também trabalha no teatro. Parece-me uma pessoa tão sofrida que quase sempre age como se fosse uma de suas personagens. Nunca é Sibyl Lane, é sempre outra pessoa.

— Que maravilha! Parabéns pela escolha! — riu Lorde Henry.



**SUPERFICIAL**: sem profundidade, que só vê as aparências



**MILORDE**: mylord em inglês, um tratamento para homens nobres e lordes na Inglaterra





— Você é ridículo, Harry! Sibyl é muito mais do que uma só pessoa, ela é todas as heroínas do mundo juntas! Quero que você e Basil venham comigo ao teatro amanhã para conhecê-la. Vocês precisam me ajudar.

— De que maneira, Dorian?

— Ela tem contrato de três anos com o dono do teatro. Quero tirá-la de lá, alugar um teatro só para ela, assim ela poderá se tornar conhecida do grande público.

— Você quer que eu avise Basil ou você mesmo o fará?

— Nossa! Faz uma semana que não vejo Basil! Ele me mandou o retrato em uma linda moldura e nem ao menos agradeceu. Já tenho ciúmes do quadro, pois ele está um mês mais jovem do que eu, mas adoro olhar para ele. Faça o seguinte, mande um bilhete a nosso amigo pintor. Não quero encontrar-me sozinho com ele, pois ele anda dizendo coisas muito chatas.

— Os únicos artistas agradáveis são os maus artistas, Dorian. Veja os poetas, por exemplo, eles são as pessoas menos poéticas que existem. Escrevem boa poesia, mas não vivem o que escrevem. Já os poetas menores, esses vivem a poesia que não conseguem escrever.

— É verdade, Harry? — perguntou Dorian, arrumando o lenço no pescoço. — Bem, se é você que diz, deve ser. Agora vou ver Sibyl. Encontramo-nos amanhã às sete no café em frente do teatro. Aqui está o endereço. Até lá.

Lorde Henry ficou sentado um bom tempo. A luz do dia estava terminando, trazendo uma cor alaranjada para dentro da sala. Ele pensou que a paixão de Dorian Gray pela atriz era, no mínimo, algo interessante. Ele estava sendo **IMPELIDO** pelo desejo de viver experiências novas, mas sua imaginação estava transformando sensualidade em algo muito distante dos sentidos, o que era algo perigoso. Somos **TIRANIZADOS** pelas paixões cujas origens nos enganam.

Mais tarde, por volta de meia-noite e meia, quando Lorde Henry voltou para casa depois de um jantar com amigos, encontrou um telegrama endereçado a ele. Era de Dorian Gray. O rapaz dizia estar noivo de Sibyl Vane.

### Capítulo 3

## APAIXONADOS

Sibyl abraçou a mãe e disse:

— Eu o amo! Estou tão feliz...

-  **IMPELIDO:** impulsionado, estimulado
-  **TIRANIZADO:** oprimido

— Filha querida, você é jovem demais para se apaixonar. Tem apenas dezesete anos. Você mal o conhece. Além disso, agora que seu irmão vai para a Austrália, precisamos trabalhar ainda mais.

— O Príncipe Encantado cuidará de nós duas, mamãe.

— Bem, se ele for rico, então as coisas mudam de figura. Vamos ver...

Nessa hora, James Vane entrou na sala. Era bem diferente da irmã, um pouco gordo e mal-vestido, com os cabelos castanhos. Olhou para as duas mulheres com carinho e disse:

— Não sei se voltarei a Londres algum dia.

— É claro que voltará, meu filho. A Austrália lhe fará um homem rico!

— Espero conseguir dinheiro para tirar vocês duas do teatro do sr. Isaac. Não é um lugar adequado para duas mulheres.

— O Príncipe Encantado fará isso — disse Sibyl.

— Presumo que seja esse o cavalheiro que vai vê-la todas as noites. Ouvi falar dele e estou preocupado. E se as intenções dele não forem boas?

— Não diga isso, meu irmão. Ele me ama e nós dois seremos felizes.

— Preste atenção, Sibyl, eu mato esse sujeito se ele lhe fizer algum mal!

— James, sei que não mataria alguém que amo, e eu o amo.

— Não se preocupe, meu filho. Cuidarei bem de Sibyl — disse a sra. Vane.

Os três se abraçaram longamente e James partiu para sua viagem levando uma inquietação no peito por medo de que algo acontecesse à irmã, e um ódio inexplicável pelo estranho que queria se casar com ela.

À noite, Basil Hallward, Lorde Henry e Dorian Gray encontraram-se no café próximo ao teatro. Sentados à mesa enquanto aguardavam o horário da peça, Lorde Henry sorveu um perfumado chá e perguntou:

— Já sabe o motivo desse encontro, Basil?

— Estou ansioso para saber.

— Nós vamos conhecer a noiva de Dorian.

O rapaz **ENRUBESCEU** e Basil o cumprimentou pelo noivado, não sem antes **LASTIMAR** que Dorian tivesse dado a notícia primeiro a Lorde Henry.

— E quem é a noiva? — perguntou o pintor, com a voz baixa.

— Sibyl Vane, uma atriz maravilhosa que veremos atuar daqui a pouco — disse Dorian, orgulhoso.

— Conte como foi o pedido de casamento, Dorian — pediu Lorde Henry.

👁 **ENRUBESCEU:** ficou com o rosto vermelho, corado

👁 **LASTIMAR:** lamentar, sentir pena





— Não houve um pedido formal. Ontem à noite, depois que saí de sua casa, assisti minha linda Sibyl no palco. Fui ao camarim depois da peça e beijei-a pela primeira vez. Ela tremeu e disse que não merecia ser minha esposa. Imaginem se não merece! Todas as maravilhas e **VIRTUDES** do mundo não são nada perto dela!

— Como as mulheres são práticas! — exclamou Lorde Henry. — Sempre nos lembram da palavra “casamento” ou “esposa” nessas horas...

— Pare de zombar, Harry! Eu a amo. Saiba que quando estou com ela esqueço-me de suas teorias sobre a vida, sobre o amor, de suas teorias sobre o prazer!

— O prazer é a única coisa que merece uma teoria. Ele é o grande teste da natureza, seu sinal de aprovação. Quando estamos felizes somos sempre bons, mas quando somos bons não estamos sempre felizes.

— Como assim, bons? — perguntou Basil.

— Ser bom é estar em harmonia consigo mesmo, e não com os outros. Nossa própria vida é que é importante.

— Harry, viver para si próprio nos faz pagar caro. Com remorso e sofrimento — sugeriu o pintor.




— Caro Basil, a arte **MEDIEVAL** tem seu charme, mas as emoções medievais estão fora de moda. Acredite em mim, nenhum homem civilizado se arrepende de um prazer, e o homem incivilizado, esse não sabe o que é um prazer.

— Eu sei o que é um prazer. É adorar alguém — opinou Dorian.

— Isso é bem melhor do que ser adorado — disse Lorde Henry, com um sorriso irônico nos lábios. — As mulheres que nos adoram nos **IDOLATRAM** como deuses e estão sempre nos incomodando, querendo que façamos coisas para elas. Sabe o que lhe desejo? Que se case com Sibyl e ame-a apaixonadamente por uns seis meses. Depois apaixone-se por outra.

— Pare com isso, Harry! Sei que não quer ver minha vida estragada. Vamos logo para o teatro. Vocês saberão que não exagero quando digo que minha bela Sibyl é uma excelente atriz — disse Dorian.

No carro de Lorde Henry só cabiam duas pessoas, por isso Basil pegou um carro de aluguel até o teatro. Foi pensativo no caminho, sentindo que havia perdido algo. Não suportava a idéia de Dorian se casar. Sabia que a amizade entre seu modelo e ele nunca mais seria a mesma. Sentiu os olhos embaçarem. As ruas pareciam escuras e tristes. Quando o carro parou em frente do teatro, Basil sentiu que envelhecera alguns anos.

-  **VIRTUDE:** boa qualidade
-  **MEDIEVAL:** que se refere à Idade Média
-  **IDOLATRAM:** adoram, veneram

## Capítulo 4

# UMA MORTE TRÁGICA

As cortinas se abriram e a peça teve início. Cerca de quinze minutos depois, Sibyl Vane entrou no palco. Era mesmo tão linda, que foi aplaudida no meio do espetáculo. Sua face estava levemente rosada, seu olhar era adorável e os lábios se movimentavam com sutileza quando pronunciava suas falas. Basil bateu palmas. Dorian ficou imóvel e Lorde Henry disse baixinho: “Maravilhosa! Maravilhosa”!

Ela se destacava em meio aos outros atores. Tinha uma beleza e uma docilidade especiais. No entanto, não demonstrou nenhuma emoção quando seus olhos encontraram os de Romeu. Encenava uma Julieta apagada, sem força, quase artificial, que tornava a paixão entre um Montéquio e uma Capuleto irreal. Dorian ficou pálido de repente. A interpretação de sua amada estava bem diferente das outras noites. Era uma atuação insuportável. Não parecia nervosismo. Era, antes, arte ruim, um fracasso total.

Lorde Henry e Basil Hallward levantaram-se e foram embora. Antes de sair, Lorde Henry disse:

— Ela é linda, Dorian. Pena que não sabe atuar.

— Não estaria doente? — perguntou Basil.

— Antes estivesse — respondeu Dorian. — Ontem à noite ela era uma ótima atriz.

Hoje está completamente alterada. Não passa de uma atriz **MEDIANA**.

— Isso não importa — disse Lorde Henry. — É melhor que não saiba nada sobre a vida e o teatro, caro Dorian. Só existem dois tipos de pessoas interessantes: as que sabem tudo e as que não sabem nada. Não se desespere! Não deixe que as emoções destruam sua juventude. Venha beber comigo e Basil. Vamos brindar à beleza de Sibyl Vane.

Mas Dorian não quis ir. Assistiu a peça até o final e depois foi falar com Sibyl no camarim. Ela o recebeu com um enorme sorriso.

— Como interpretei mal! — disse.

— Foi horrível! — exclamou Dorian. — Você não sabe como sofri. O que houve?

— Quer dizer que você não entendeu?

— Entender o quê?

— Oh, Dorian, antes de encontrar você, eu só conhecia o teatro. Eu vivia a vida de minhas personagens, suas alegrias e tristezas. Hoje, no palco, dei-me conta de

 **MEDIANA:** comum, vulgar, medíocre





que Romeu era um homem maquiado e velho, alguém por quem não sinto nada. Você me fez ver que a vida pode ser mais do que o palco. Na verdade, eu odeio atuar. Quero viver minha própria realidade, demonstrar a paixão que me arde por dentro, e não fingir uma paixão que não existe.

— Você matou meu amor! Meus amigos se chatearam, eu fiquei com vergonha. Antes você **AGUÇAVA** minha imaginação. Agora não atinge nem minha curiosidade. Eu a amava porque você realizava os sonhos dos grandes poetas, dava forma e substância às sombras da arte. Você jogou tudo fora.

— Dorian, meu amor, você não está falando sério. Venha me abraçar — disse a moça, empalidecendo.

— Estou indo embora. Não quero mais vê-la. Você não é nada sem sua arte!

Sibyl se ajoelhou e implorou que Dorian a perdoasse. Ele estava certo, ela faria melhor na noite seguinte, tentaria voltar a ser a boa atriz de antes. Mas nada adiantou. Dorian Gray fechou a porta e se retirou, deixando a bela moça aos prantos atirada no chão.

Quando chegou em casa, Dorian abriu a porta de seu quarto e se deparou com o retrato pintado por seu amigo Basil Hallward. Uma sensação estranha e surpreendente se apoderou dele. Desviou o olhar do quadro e em seguida voltou a olhar para ele, como se estivesse sendo atraído para a tela. O rosto, seu próprio rosto no retrato estava mudado. A expressão parecia diferente. Havia um toque de crueldade na boca.

Abriu as cortinas para que a luz da rua iluminasse melhor o quadro. Examinou-o de todos os ângulos e olhou-se no espelho, comparando-se ao retrato. Concluiu que, por mais estranho que fosse, seu rosto estava mesmo com uma expressão cruel no quadro, algo que não existia em seu rosto vivo. Pensou no que dissera a Basil quando ele terminou a pintura, que desejava ardentemente que o retrato envelhecesse, sofresse as **AGRURAS** das paixões e dos pecados, enquanto ele ficasse jovem para sempre. Isso não era possível. Então por que o retrato o estampava com uma expressão cruel? Teria ele sido cruel com Sibyl Vane?

Um medo repentino o invadiu. Sim, ele tinha sido muito mau com a atriz. Não compreendera seus motivos para ter atuado daquela maneira. Rejeitara seu amor. O retrato simbolizava sua consciência. Isso estava claro. Decidiu que voltaria atrás, que se casaria com ela e se tornaria apaixonado novamente. Acima de tudo, deixaria de ouvir as coisas que Lorde Henry dizia. Sibyl e ele seriam felizes. Colocou um **BIOMBO** na frente do quadro e foi dormir pronunciando o nome de Sibyl sem parar.

- 📖 **AGUÇAVA:** estimulava, excitava
- 📖 **AGRURA:** dificuldade, obstáculo
- 📖 **BIOMBO:** peça geralmente feita de madeira, pano e dobradiças utilizada para dividir ambientes

Na manhã seguinte, porém, Dorian despertou com a visita de Lorde Henry. Ele trazia uma notícia terrível: Sibyl Vane estava morta. Suicidara-se no camarim com uma dose de chumbo ou ácido prússico, ele não sabia ao certo. Dorian ficou paralisado, sem saber o que falar. Lorde Henry queria saber se Dorian estivera no camarim depois da peça e se alguém o tinha visto saindo de lá, pois temia que o jovem tivesse de tomar parte nas investigações acerca da morte da moça. Mas tudo o que o rapaz conseguiu falar foi:

— Eu matei Sibyl. Matei-a porque fui terrivelmente cruel. Disse-lhe que nunca mais queria vê-la.

— Dorian, querido, não foi você mesmo que disse que ela era todas as heroínas juntas? Então, pense em sua morte como parte de uma tragédia. Sua morte foi bela, como é a morte de toda heroína. Sibyl representou seu último papel.

O rapaz deixou uma lágrima cair sobre sua face. Olhou para o amigo e disse:

— Harry, como você me conhece! Você sempre consegue colocar em palavras aquilo que sinto e não sei expressar. Sabe, não estou tão triste quanto deveria. Parece mesmo que participei de uma tragédia grega, mas sem me ferir, entende? O que devo fazer agora?

— Vamos à ópera hoje à noite. A vida continua.

Dorian concordou e se despediu de Lorde Henry. Em seguida tirou o biombo da frente do retrato e observou que a expressão de crueldade continuava lá. De fato, o rosto da tela havia mudado na noite anterior. Sentiu que a vida havia decidido seu destino. Ele não se casara com Sibyl. Deveria experimentar paixões, prazeres proibidos e pecados selvagens. O quadro estaria sempre de prontidão, revelando sua alma da mesma forma que revelava seu corpo. Mais tarde, vestiu-se e foi à ópera com Lorde Henry.

## Capítulo 5

# O RETRATO REVELADOR

No dia seguinte, Basil Hallward apareceu logo cedo na casa de Dorian. Ele estivera lá na noite anterior, mas não o encontrara. O mordomo dissera que Dorian Gray fora à ópera com Lorde Henry.

— Meu Deus, Dorian! Você foi à ópera enquanto Sibyl Vane era velada em algum **PARDIEIRO**? Você nem ao menos foi dar as **CONDOLÊNCIAS** à pobre mãe da menina?

— Sibyl tinha um irmão, ouvi dizer. Parece que é marinheiro. A senhora não ficará sozinha.



**PARDIEIRO:** casa ou prédio velho, em ruínas



**CONDOLÊNCIA:** demonstração de pesar pelo sofrimento do outro





— Isso não muda o fato de você estar tão insensível à tragédia que aconteceu.  
 — Basil, não tive culpa se ela se matou. Senti muito, chorei, mas depois me recuperei. Você deveria mudar de assunto, falar de coisas agradáveis, fazer-me esquecer do passado.

— Passado? Mas foi ontem! Tenho saudade do rapaz simples e carinhoso que você era quando posava para mim, Dorian. Hoje você é outro, está influenciado por Harry.

— Harry me ensina muita coisa. Quanto a você, ensinou-me apenas a ser vaidoso.

— E estou pagando por isso, bem sei. Mas deixe estar. Sei que no fundo você é um bom rapaz. Essa indiferença em relação à vida vai passar. Falemos então de coisas boas, se é o que deseja.

— Ótimo. Diga, o que tem pintado?

— Foi bom você ter tocado nesse assunto. Preciso que você volte a posar para mim, Dorian.

— Não me peça isso, Basil. Não quero mais posar.

— Por quê? Não gostou do retrato que fiz de você? Oh, meu Deus! Você o cobriu com um biombo... Tire-o daí, Dorian. Por que está escondido?

— Para que a luz não o estrague.

Basil caminhou na direção do quadro, mas Dorian deu um grito que o assustou:

— Pare! Não quero que veja o retrato!

— Por quê? O que está havendo? Não posso ver meu próprio trabalho justamente agora que decidi expô-lo em Paris?

— Expor meu retrato? — perguntou Dorian, com o rosto molhado de suor.

— Mas você disse que não iria expor este quadro.

— Quem lhe disse isso?

— Harry, mas ele também disse que o motivo era secreto — respondeu Dorian.

Basil ficou corado e baixou a cabeça um pouco.

— Pois bem, só digo por que não quero que veja o quadro se me disser por que não queria expô-lo — disse Dorian, com a intenção de afastar o amigo da tela.

— Bem, quando o conheci, notei que estava diante da perfeição, do ideal que todo artista procura. Pintei-o de várias formas, com roupas diferentes, fantasias de personagens **FICTÍCIOS** e **MITIFICADOS**. No entanto, quando o pintei com suas próprias vestimentas, senti que minha idolatria por você era grande demais, e tive medo de que os outros a percebessem. Quando o retrato saiu de minha casa, achei

 **FICTÍCIO:** que não é real, ilusório

 **MITIFICADO:** que é mítico, fantasioso

que tivesse sido bobo em pensar daquela maneira. Seu retrato estampa apenas um rapaz bonito. Por isso aceitei o convite de uma galeria em Paris. Pensei em colocar o retrato em destaque na exposição. Contudo, vejo que, como eu, você percebeu algo forte no retrato e não quer que ele seja mostrado. Então é isso, o retrato não pode ser exposto.

Dorian teve pena do amigo pela confissão que acabara de fazer. Será que algum dia ele mesmo seria dominado pela personalidade de alguém como Basil fora? Limitou-se a se desculpar:

— Perdoe-me, Basil, mas não quero que veja o quadro. Existe alguma coisa fatal nele que ainda não sei explicar.

— Tudo bem, eu não me importo. Vou para casa, Dorian. Você não sabe como foi difícil lhe dizer tudo isso. Estou mais leve agora. Espero que tenha entendido que, se você não voltar a posar, estarei arruinado.

Assim que Basil saiu, Dorian pediu a Victor, o mordomo, a chave de seu velho quarto de estudos. Embora o lugar estivesse fechado e empoeirado há anos, ele iria guardar o retrato lá dentro. O quadro não podia mais ficar num lugar onde seus amigos entravam a hora que queriam. De posse da chave, dispensou Victor, envolveu a tela numa colcha vermelha bordada com fios de ouro e arrastou o quadro até lá, sofrendo com o enorme peso da moldura.

O quadro estaria seguro lá dentro. Ninguém, nem ele mesmo, iria assistir à deterioração de sua alma. Ele permaneceria jovem, enquanto o retrato carregaria suas emoções e pecados, sofrendo suas influências. Talvez sua alma não fosse tão ruim quanto ele estava prevendo, talvez um novo amor a **APAZIGUASSE**, mas quanto à velhice, ela chegaria com certeza, ao quadro, não a ele.

Trancou a porta e guardou a chave. Sentia-se tranquilo agora, pois ninguém testemunharia sua vergonha. Depois foi até a sala e encontrou uma encomenda de Lorde Henry sobre a mesa. Era um bilhete convidando-o para ir ao clube à noite, uma notícia de jornal circulada em vermelho sobre o inquérito da morte de Sibyl Vane e um livro. Ficou perturbado por Lorde Henry ter circulado a notícia. Algum empregado poderia ver e pensar que ele tinha culpa na morte da atriz. Depois começou a ler o livro, sem enredo e com apenas um personagem, na verdade um estudo psicológico feito por um parisiense sobre as paixões e pensamentos de todos os séculos, com exceção do seu. Continha metáforas monstruosas como as orquídeas e confissões **MÓRBIDAS** de um pecador moderno. Tratava-se de um livro venenoso.

🐦 **APAZIGUASSE:** acalmasse, sossegasse

🐦 **MÓRBIDA:** doente





Quando, por volta das nove da noite, Dorian chegou ao clube, desculpou-se com Lord Henry.

— Perdoe-me, Harry, mas você é o responsável por meu atraso. Fiquei tão fascinado pelo livro que me mandou, que perdi a hora.

— Eu achei que você iria gostar.

— Eu não disse que gostei. Disse que fiquei fascinado. Há uma grande diferença entre gostar e se deixar fascinar.

— Então quer dizer que descobriu isso? — murmurou Lord Henry.

Os dois se dirigiram ao restaurante do clube.

## Capítulo 6

### A VIDA DEVASSA DE DORIAN

A influência daquele livro permaneceu dentro de Dorian Gray durante muito tempo. O autor parecia ter descrito sua própria vida antes de ele a ter vivido. A única diferença é que o personagem sofria com o declínio de sua beleza, coisa a qual Dorian **LEGARA** ao retrato dele mesmo.

Cada vez mais, o pianista verificava a lacuna que se abria entre ele e o quadro. Toda vez que saía à noite e passava horas, às vezes dias, em alguma taberna malfalada de Londres, abria a porta do quarto de estudos quando voltava. O rosto na tela ia se deformando aos poucos, rugas mínimas iam surgindo na testa, na boca, perto dos olhos. O olhar ia ficando carregado de **MALÍCIA**. Dorian tinha dificuldade em saber o que era pior, se o peso causado pelas emoções ou se o envelhecimento puro e simples.

Quando olhava para o retrato, tinha ainda mais vontade de continuar a experimentar a vida, que era a primeira e a maior das artes. Sim, ele concordava com Lorde Henry quando ele dizia que a natureza dos sentidos era a mais importante das coisas. Ele gostaria de viver num mundo onde não houvesse obrigações, arrependimentos, nem sacrifícios relacionados a qualquer tipo de paixão.

Ele passava os dias à procura de novas sensações. Encantava-se pela fabricação de perfumes, pelo estudo da música e das joias, pela confecção de tapeçarias e bordados, até pelos rituais religiosos. Nunca se fixava em nada por muito tempo. Ficava semanas sem olhar para o retrato, mas depois de uma noite **DEGRADANTE** no cais do porto, sempre ia verificar a ruína de seu rosto na tela.

- 📖 **LEGARA:** transmitira
- 📖 **MALÍCIA:** intenção maldosa
- 📖 **DEGRADANTE:** sem dignidade, desprezível

Dava festas em sua casa e continuava a frequentar os meios sociais londrinos, mas algumas pessoas já começavam a desconfiar de que o jovem pianista tivesse algum tipo de segredo. Ele estava com vinte e cinco anos. Sua vida desregrada e aventureira era **NOTÓRIA**, mas seu rosto permanecia jovem, sem marcas, belo como no dia em que Basil Hallward se encantou por ele na casa de Lady Brandon.

Foi quando, anos mais tarde, algo importante aconteceu. No dia 9 de novembro, véspera de seu aniversário de trinta e oito anos, Dorian encontrou-se com Basil Hallward na rua. Era tarde, por volta de onze horas da noite. Dorian estava voltando da casa de Lorde Henry.

— Basil, quanto tempo faz que não o vejo!

— Dorian! Que bom encontrá-lo! Estou vindo de sua casa. Francis, seu novo mordomo, recebeu-me muito bem e deixou-me à vontade na sala de estar. Esperei até agora, mas, como você não apareceu, agradei a atenção e parti.

— Pois vamos voltar para lá. Se estava me procurando é porque precisava falar comigo. O que houve? — perguntou Dorian, enquanto ambos caminhavam na direção de sua casa.

— Vim me despedir — disse o pintor em tom grave. — Estou indo para Paris no trem da meia-noite e quinze. Já despachei a bagagem, por isso só tenho esta sacola pequena e meu **SOBRETUDO**.

— Paris? Espero que não fique muito tempo por lá...

— Pretendo ficar uns seis meses pintando um quadro que tenho em mente. Mas antes resolvi lhe falar para tirar uma história a limpo.




— Ah, não, Basil. Sinto pelo seu jeito que é algo sério. Você sabe o quanto odeio assuntos sérios.

— É sério sim, e é sobre você.

Os dois chegaram à casa. Francis já estava dormindo, mas havia deixado a sala impecavelmente arrumada. Victor, o antigo mordomo, havia ido embora de Londres, mas Francis o substituíra muito bem.

— Diga logo, então — falou Dorian, convidando o amigo para sentar. — Gostaria que falássemos de outra coisa, mas se é de mim que quer falar, estou ouvindo.

— Dorian, tenho escutado coisas a seu respeito. Quando seu nome é mencionado no clube, por exemplo, as pessoas franzem as testas e mudam de assunto. Antigos amigos seus não querem mais frequentar sua casa, nem o convidam para festas. E as moças, aquelas que se relacionam com você, são **ESCORRAÇADAS**

-  **NOTÓRIA:** conhecida
-  **SOBRETUDO:** casaco usado sobre a roupa
-  **ESCORRAÇADA:** expulsa, rejeitada





pela sociedade. A própria irmã de Lorde Henry, seu melhor amigo, está com a honra destruída. Há ainda histórias de você passando noites em lugares sórdidos fazendo **ARRUAÇA** em bairros suspeitos com marinheiros estrangeiros. O que está havendo, Dorian?

— O que acontece, caro Basil, é que a sociedade londrina tem preconceitos morais exagerados. Você está falando sobre coisas que não conhece — disse o pianista com desprezo.

— Exatamente. Não sei se o conheço mais, meu amigo. Diga-me que nada disso é verdade. Oh, Dorian, como eu gostaria de ver sua alma!

— Você quer ver minha alma? — perguntou Dorian, com medo.

— Sim, pois não acredito no que dizem. Pecados aparecem no rosto de um homem, mas quando olho para você, não consigo acreditar que seja um pecador. É uma pena que só Deus possa enxergar sua alma.

Dorian lançou um olhar suspeito e um sorriso malicioso em direção ao pintor.

— Venha comigo — disse ele. — Você verá minha alma esta noite. Você verá a devassidão de que tanto fala em seu próprio trabalho.

Mesmo sabendo que já perdera o trem para Paris, Basil subiu as escadas na companhia de Dorian. Poderia ir no dia seguinte, pensou. Dorian, por sua vez, sentia um prazer estranho porque, finalmente, iria dividir seu segredo com o pintor que fabricara o retrato de sua vergonha.

## Capítulo 7

# O ASSASSINATO


— Sente-se — disse Dorian, oferecendo ao pintor uma cadeira empoeirada dentro do antigo quarto de estudos.

— Dorian, o que estamos fazendo aqui? Este lugar não é limpo há anos. Veja, o tapete está cheio de furos. Devem ter sido feitos por ratos.

— Prepare-se, Basil. Você é a única pessoa que poderá enxergar minha alma. Você tem esse direito e logo saberá por quê.

Nessa hora, Dorian retirou a colcha vermelha que cobria o retrato. O pintor soltou uma interjeição de terror e em seguida ficou mudo, **PETRIFICADO**. Era o rosto de Dorian Gray que estava diante dele, o rosto que ele havia pintado, mas havia algo

 **ARRUAÇA:** bagunça, desordem

 **PETRIFICADO:** imóvel, paralisado de estupefação, susto ou medo

térrível no olhar, na textura da pele, na expressão de toda a face. Era uma expressão que causava medo e nojo. Do belo rosto juvenil que se baseara para dar suas pinceladas, apenas a cor aloirada do cabelo, o azul dos olhos e as linhas marcantes do nariz e do pescoço permaneciam. Se não fossem esses detalhes, ele não teria reconhecido o trabalho como sendo seu. Mas a assinatura no canto esquerdo da tela estampava seu nome. Não havia dúvidas, aquele era o retrato de Dorian Gray feito em seu estúdio. O que antes ele considerara seu melhor trabalho.

— Meu Deus! Não acredito que eu tenha pintado isso! Talvez as tintas que usei tivessem alguma coisa na composição capaz de se deteriorar. Além do mais, você disse que tinha destruído seu retrato!

— Foi o retrato que me destruiu, Basil.

— Cristo! Ele tem os olhos de um demônio!

— Todos nós temos o Céu e o Inferno dentro de nós.

— Se isso é verdade, e esse quadro mostra o que você fez com sua vida, então você deve ser pior do que os que falam mal de você pensam — disse o pintor, afundando o rosto entre as mãos enquanto escutava Dorian soluçando perto da janela.

Ambos permaneceram daquela forma por alguns minutos, e tudo o que se ouvia era a voz de Basil dizendo:

— Reze, Dorian, reze. Eu o idolatrei demais e ensinei-o a ser vaidoso. Nós dois pecamos. Vamos rezar, pois ainda há tempo para sermos perdoados.

Dorian olhou para o quadro e um ódio incontrolável por Basil Hallward tomou conta dele. Era como se o homem da tela tivesse sussurrado palavras de vingança dentro de seu ouvido. Ele olhou para a cômoda empoeirada no canto do quarto e viu algo brilhante. Era uma faca, que ele mesmo havia levado para lá alguns dias antes a fim de cortar um pedaço de corda que prendia o pano vermelho sobre o retrato. Ele a esquecera ali. Tomou-a rapidamente nas mãos e precipitou-se contra Basil, enterrando a faca na grande veia que fica atrás da orelha. A cabeça do pintor ficou presa contra a mesa atrás dele depois de receber inúmeras facadas. Em poucos segundos, Basil Hallward estava morto.

O pianista, vendo todo aquele sangue pelo chão, pensou um pouco, depois começou a agir. Sentia-se calmo, apesar de tudo. Saiu do quarto de estudos e trancou a porta. Desceu à sala de estar, recolheu o sobretudo e a sacola do pintor e escondeu-os para queimá-los mais tarde. Eram vinte para as duas da manhã.

Dorian pensou um pouco. Não havia provas que o incriminassem do assassinato. Basil estivera em sua casa e partira às onze da noite. Francis estava dormindo quando ele chegara em casa, portanto ninguém vira o pintor entrar novamente. Basil deveria estar no trem para Paris! Durante meses, não haveria sequer suspeita do desapareci-





mento dele. Dorian saiu de casa de posse de seu chapéu e casaco. Depois de alguns minutos, tocou a campainha. Francis veio atender, **ESTREMUNHADO** de sono.

— Perdoe-me, Francis. Esqueci minha chave. Que horas são?

— Quase duas da manhã, sr. Gray.

— Nossa, é tarde! Alguém me procurou? Há algum recado?

— Somente o sr. Hallward esteve aqui. Esperou-o até às onze, depois partiu, pois precisava pegar o trem para Paris. Disse que escreveria para o senhor de lá.

— Obrigado, Francis, pode voltar a dormir.

Assim que o empregado saiu da sala, Dorian foi até a biblioteca e folheou um caderno de endereços. Abriu na página que dizia “Alan Campbell. Rua Hertford, 152, Mayfair”. Era esse o homem que ele queria. Escreveu um bilhete pedindo a seu empregado que o despertasse às nove horas e foi dormir.

De manhã, escreveu duas cartas. Fechou uma e pediu que Francis fosse à Rua Hertford, 152, entregá-la. Guardou a outra. Alan Campbell era químico. Dorian e ele foram amigos por cerca de um ano e meio, depois Alan passara a evitá-lo. Ninguém sabia ao certo o que tinha acontecido, mas as pessoas notavam que, quando Dorian aparecia em algum lugar público, Alan se retirava. Por causa disso, Dorian temia que ele não atendesse seu chamado. O tempo passou devagar, quase arrastado mas, finalmente, a campainha tocou.

— Que bom que veio — disse Dorian ao ver Alan Campbell à porta.

— Eu jurei nunca mais pisar nesta casa, Gray, mas sua carta dizia que era uma questão de vida ou morte.

Dorian convidou-o para sentar e disse, de **SUPETÃO**:

— Alan, há um homem morto no andar de cima. Preciso de sua ajuda para eliminar seu corpo. Sei que você faz experiências no necrotério. Quero que você use alguma fórmula química para destruir completamente o corpo, sem deixar vestígios.

— Você matou um homem, Gray? Não esperava que fosse tão longe!

— Você não imagina o quanto ele me fez sofrer.

— Não imagino e nem quero saber. Vou-me embora. Se pensa que vou manchar minha reputação por você, está muito enganado. Nunca deveria ter vindo aqui.

— Quer dizer que não vai me ajudar? Lembre-se, já fomos amigos, Alan.

— Não quero me lembrar daqueles dias! Estão mortos!

— Eu imploro, ajude-me. Só posso contar com você.

— Nunca!

 **ESTREMUNHADO**: mal-acordado  
 **SUPETÃO**: de repente, sem aviso prévio

Dorian então olhou para Alan Campbell com pena. Rabiscou algo num pedaço de papel e entregou a ele. O químico estremeceu e ficou pálido ao ler o papel. Dorian tocou-lhe o ombro por trás do sofá e disse:

— Você não me deixa escolha, Alan. Já escrevi a carta, olhe. Se recusar o que estou lhe pedindo, envio-a agora mesmo. E se isso acontecer, você sabe quais serão as consequências. Tentei evitar, mas você foi muito duro comigo. Agora quem manda sou eu.

Alan Campbell calou-se, ficou vermelho de raiva e **INDIGNAÇÃO**, mas acabou cedendo. Perguntou se havia uma lareira no lugar onde o morto estava. Com a afirmação de Dorian, disse que precisava de alguns materiais. Dorian mandou que Francis fosse buscar os materiais na casa de Alan, pois não queria que o químico saísse dali. Assim que o empregado voltou, mandou-o para fora da cidade entregar uma encomenda. Agora havia somente ele, Alan e o pintor morto dentro da casa.

Quando Dorian abriu a porta do quarto de estudos, tomou um susto. Esquecera-se de cobrir o quadro com a colcha vermelha. O que mais chamou sua atenção é que a mão direita do modelo da tela estava brilhando, suja de algo vermelho parecendo um sangue molhado e gosmento. Sem deixar o químico olhar para o retrato, cobriu-o com pressa e apontou para o morto com uma faca na cabeça.

— Aí está — disse Dorian. — É este corpo que precisa desaparecer.

Alan Campbell pediu para ficar sozinho lá em cima. Dorian concordou e esperou no andar de baixo. Por volta de sete horas da noite, Alan desceu as escadas. Estava branco como cera, mas parecia calmo.


— Está feito. Agora não me procure nunca mais em sua vida. Adeus — disse ele, saindo pela porta de trás da casa.

Dorian subiu rapidamente ao andar de cima. Abriu a porta do quarto e sentiu um cheiro forte de ácido nítrico, mas de fato não havia nem rastro da coisa que estivera sentada ali dentro desde a noite anterior.

## Capítulo 8

# UMA TENTATIVA DE VINGANÇA

Naquela mesma noite, às oito e meia, Dorian foi a uma pequena recepção na casa de Lady Narborough. Sentia-se nervoso, impaciente, mas a maneira como ele tratava os convidados, com delicadeza e simpatia, não deixavam transparecer nenhum tipo de agitação anormal. Lorde Henry chegou perto da hora do jantar.

 **INDIGNAÇÃO:** sentimento de ódio por uma ação indigna





Sentados à mesa, ele notou que Dorian quase não tocou na comida. Aproximou-se dele e disse:

— O que está havendo, amigo? Você está estranho.

— Não é nada, Harry. Estou apenas cansado.

— Mas ontem à noite você foi embora cedo. Era antes das onze quando saiu de minha casa.

— Fiquei rodando por aí, estava sem sono. Cheguei em casa quase três da manhã.

Dorian não se demorou na festa. Despediu-se cedo e foi para casa. Assim que chegou lá, sentiu o peito comprimido, o ar lhe faltando nas narinas. Era preciso destruir toda e qualquer prova do assassinato. Acendeu a lareira e queimou a sacola e o sobretudo que pertenceram ao morto. Por volta da meia-noite, enrolou um cachecol no pescoço e saiu de novo. Pegou um **CABRIOLÉ** e explicou ao cocheiro onde queria ir.

— É muito longe — disse o homem.

— Ofereço-lhe o dobro do preço — falou Dorian.

— Está bem, senhor. Chegaremos em uma hora — concordou o cocheiro, indo na direção do rio.

Quando chegaram a uma rua escura e alta, Dorian pediu para parar. Lá embaixo, viam-se os telhados e chaminés das casas, além dos mastros dos navios. Pagou o cocheiro e desceu, indo bater numa casa pobre perto dali. Um homem abriu a porta e Dorian Gray entrou pelos corredores imundos daquele lugar. Havia pessoas dormindo no chão, um marinheiro desacordado com a cabeça apoiada sobre a mesa e mulheres dando risada de um velho que gritava, acreditando sentir picadas de formigas vermelhas em seu braço. Era lá que Dorian desejava comprar **ÓPIO** para tentar esquecer de tudo o que acontecera. Pensava sem parar na coisa que Lorde Henry lhe dissera no dia em que se conheceram: “Cure a alma com os sentidos e os sentidos com a alma”.

No andar de cima, porém, viu Adrian, um velho conhecido, acendendo um cachimbo. Ficou irritado, não queria encontrar ninguém que conhecesse, queria estar sozinho consigo mesmo. Decidiu ir embora. Cumprimentou Adrian, desceu as escadas e já ia saindo, quando ouviu uma mulher dizendo:

— Lá vai o Príncipe Encantado.

O marinheiro desacordado levantou-se de súbito e saiu atrás do homem que acabara de bater a porta do lado de fora. Estava chovendo e as ruas escuras

☞ **CABRIOLÉ:** tipo de carruagem

☞ **ÓPIO:** tipo de substância tirada da papoula que é usada como droga

pareciam ainda mais **LÚGUBRES**. Dorian caminhava rápido em direção ao cais, quase corria, mas não conseguiu evitar que a mão do marinheiro o pegasse pelo pescoço e o prendesse contra um muro.

— Hoje você vai morrer! — disse o marinheiro, apontando um revólver para a cabeça do homem que **RENDERA**.

— O que foi que lhe fiz? — perguntou Dorian, desesperado.

— Acabou com a vida de Sibyl Vane, minha irmã! — foi a resposta.

— Não sei de quem você está falando, por favor!

— Não pense que sou burro. Minha irmã se matou, eu sei, mas foi por sua causa. Eu estava viajando na época. Jurei que o mataria quando voltasse, mas não sabia quem você era. Sabia apenas que era conhecido como Príncipe Encantado.

— Você deve estar louco!

— Ajoelhe-se, homem! Parto hoje ainda para a Índia e vou acabar com você antes disso. Tem um minuto apenas para falar com Deus, se quiser.

Dorian teve uma idéia, tamanho era o horror estava sentindo.

— Espere! — berrou. — Quanto tempo faz que sua irmã morreu?

— Dezoito anos. Mas por que quer saber? Cale-se!

— Dezoito anos! Então olhe para mim. Olhe para o meu rosto.

James Vane olhou bem para o sujeito e, mesmo sob a luz fraca da noite, conseguiu enxergar nele todo o frescor da juventude. Soltou-o imediatamente.

— Desculpe-me, cavalheiro! Nossa, eu poderia ter matado o senhor. Perdoe-me. Foi um engano.

Dorian saiu caminhando. James ficou parado, tremendo e suando de nervoso. Em seguida, uma mulher que estava dentro da casa apareceu. Ela aproximou-se de James Vane e perguntou:

— Por que você não acabou com a vida dele?

— Não é ele o homem por quem procuro. O sujeito que matou minha irmã deve ter hoje uns quarenta anos.

— Pois eu lhe digo que ele é o homem certo. Faz dezoito anos que o Príncipe Encantado me transformou no que sou hoje. As pessoas dizem que ele vendeu a alma ao diabo e por isso nunca envelhece. Há dezoito anos ele vem aqui, sempre com o mesmo rosto bonito de garoto.

— Você está mentindo! — gritou James.

— Este homem é o próprio demônio — disse a mulher.



**LÚGUBRE:** sombria, triste, sinistra



**RENDERA:** dominara



James Vane correu na direção da esquina, mas não encontrou Dorian. Quando olhou para trás, a mulher também havia sumido.

## Capítulo 9

# A CAÇADA

Na semana seguinte, Dorian Gray convidou um grupo de doze pessoas, entre elas Lorde Henry, para passar uma temporada em Selby Royal, sua casa de campo. O encontro estava agradável e divertido. A certa hora, Dorian deixou a Duquesa de Monmouth conversando com Lorde Henry e foi dar ordens ao mordomo. Saiu caminhando por entre as plantas do jardim de inverno. De repente, os convidados ouviram um grito abafado e um forte barulho de queda. Encontraram Dorian desmaiado perto de um vaso de flores.

Quando despertou em seu quarto, apenas Lorde Henry estava lá.

— Harry, o que houve? — perguntou Dorian, assustado.

— Você desmaiou, querido Dorian. Deve estar cansado. Fique aqui dormindo enquanto desço e recepciono os convidados para o jantar em seu lugar.

— Ah, meu Deus! Agora me lembro! Não, não posso ficar sozinho. Já me sinto melhor e vou descer com você — disse Dorian.

Durante o jantar, Dorian sentia um arrepio de pavor quando recordava ter visto James Vane através do vidro do jardim de inverno. Ele estava parado, observando-o. Dorian passou dois dias sem sair de casa. Não estava certo de que aquela visão fosse **ILUSÓRIA**. E se fosse, meu Deus, como seria horrível ser assombrado para o resto da vida...

No terceiro dia, o céu estava azul e o sol brilhava com a típica luz de inverno. Dorian resolveu sair para uma caçada com Sir Geoffrey. Ambos cavalgaram para o bosque dos pinheiros levando **BATEDORES**. Sir Geoffrey avistou uma **LEBRE** grande, gorda, daria um belo ensopado. Armou sua espingarda e apontou para ela. Dorian olhou para o animal e sentiu uma súbita **TERNURA** por ele.

— Espere! Não atire, Geoffrey. Deixe a lebre viver...

Era tarde. A espingarda já tinha disparado e dois gritos ecoaram por entre as árvores: o da lebre e o de um homem ferido.

— Deus do céu! Atingi um batedor! — gritou Sir Geoffrey.

- **ILUSÓRIA:** enganoso, falso, que produz ilusão
- **BATEDOR:** pessoa que bate o terreno para levantar a caça
- **LEBRE:** animal parecido com o coelho, porém maior e mais rápido
- **TERNURA:** carinho, afeto



Uma confusão se armou. O homem atingido estava morto. Sir Geoffrey voltou para casa sentindo-se a pior das criaturas. Desculpou-se com Dorian, que ficou completamente atordoado com o ocorrido. Sem querer olhar para o corpo do batedor atingido, fechou-se no quarto e começou a arrumar as malas. Pediu a Lorde Henry para cuidar de seus convidados. Ele iria para Londres fazer alguns exames. Sentia-se exausto, doente, não queria mais ficar em Selby Royal, um lugar manchado de sangue em plena luz do dia. Quando já estava de saída, um criado o avisou de que o **CAPATAZ** queria lhe falar.

— O homem morto, senhor... — começou o capataz.

— Ah, sim, o batedor... Quero **INDENIZAR** sua família. O pobre rapaz era casado, tinha dependentes?

— Não sabemos, senhor. Ninguém por aqui o viu antes.

— Como assim? Não era um dos empregados?

— Parece um marinheiro, senhor.

— Marinheiro? — perguntou Dorian, em estado de choque. — Você disse marinheiro?

— Sim. Tem os dois braços tatuados e a pele queimada de sol.

— Encontraram alguma coisa com ele? Algum documento que o identifique?

— Apenas um revólver e pouco dinheiro.

— Leve-me até ele imediatamente — ordenou Dorian.

O corpo estava no **ESTÁBULO**, coberto por um lençol branco. Dorian pediu que retirassem o lençol e quase caiu para trás quando viu James Vane morto diante de si. Ficou ali parado alguns instantes, depois voltou para casa com lágrimas nos olhos. Estava a salvo agora.

## Capítulo 10

### A DESTRUÇÃO DO MAL

— Não adianta você ficar dizendo que vai ser bom. Você é perfeito, Dorian! Não mude, por favor! — exclamou Lorde Henry sentado no sofá de sua casa.

— Não, Harry. Fiz coisas terríveis na vida. Não vou mais fazer.

— Pare com isso, Dorian, você não é horrível como diz.

— Vamos mudar de assunto, então. Diga, o que anda acontecendo na cidade? Faz dias que não vou ao clube — perguntou Dorian.



**CAPATAZ:** administrador de uma fazenda



**INDENIZAR:** compensar; pagar indenização, uma soma em dinheiro



**ESTÁBULO:** lugar abrigado e coberto onde fica o gado



— As pessoas estão comentando sobre o desaparecimento de Basil.

— Ainda? Pensei que já tivessem se cansado desse assunto — disse Dorian, enrugando a testa.

— Nos últimos meses, somente três assuntos têm estado na boca da sociedade londrina: meu divórcio, o suicídio de Alan Campbell e o desaparecimento de Basil.

— O que você acha que aconteceu com Basil? — perguntou Dorian, apreensivo.

— Não faço a menor idéia. Se Basil quer se esconder, problema dele; se morreu, não quero pensar nele. A morte é a única coisa que me causa medo.

— E se eu lhe dissesse que Basil foi assassinado e que fui eu que o matei? — perguntou Dorian.

— Eu diria que você está representando um papel que não combina com você. Todo crime é vulgar, assim como toda vulgaridade é crime. Não está em você, Dorian, cometer um crime. O crime é algo exclusivo das classes mais baixas. Não os culpo por isso. Na verdade, acho que o crime representa para eles o que a arte é para nós, apenas uma maneira de procurar sensações fortes.

— Sensações fortes? Então você acredita que alguém que cometeu um crime tem vontade de cometê-lo de novo? Não me diga isso!

— Tudo se torna prazeroso para aqueles que o fazem com frequência. Mas acredito que um assassinato seja sempre um erro. Ninguém deve fazer nada que não se possa comentar após o jantar. Quanto a Basil, ele deve ter caído no rio Sena ou coisa parecida. Ele andava triste, seu trabalho estava cada vez pior. Desde que pintou aquele retrato seu, nunca mais sua arte foi a mesma. Você me disse que o retrato foi roubado anos atrás, não foi?

— Sim, na estrada para Selby Royal — disfarçou Dorian.


— É uma pena, era um belo quadro.

— Eu não gostava dele. Lembrava-me de uma frase da peça Hamlet: “Como o retrato de uma tristeza”, suspirou Dorian, “um rosto sem coração”.

— Falando nisso, qual seria sua resposta ao ditado: “O que lucra um homem que ganha o mundo todo, mas perde sua própria alma?”.

— Por que está me perguntando isso, Harry? — perguntou Dorian, assustado.

— Acalme-se. Só perguntei porque achei que saberia a resposta. Ouvi essa pergunta da boca de um **PREGADOR** no parque sábado passado. Pensei em dizer ao profeta que a Arte tem alma, mas o homem não. Acabei passando sem dizer nada. Ele não teria me compreendido.

 **PREGADOR:** pessoas que faz pregações (sermões), orador



— Não, Harry. A alma é uma realidade. E das mais terríveis. Ela pode ser comprada, vendida, até envenenada. Cada um de nós tem uma alma, eu sei disso.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Então deve ser ilusão. As coisas de que se tem certeza absoluta nunca são verdadeiras. Mas você está sério demais, Dorian. Vá, sente-se ao piano e toque um pouco de Chopin para mim.

Dorian **ACATOU** o pedido. Lorde Henry falava enquanto ouvia a música.

— Mas diga, Dorian, qual o segredo de se manter tão jovem esses anos todos? Você viveu a vida intensamente, sem se privar de nada, amores, drogas, álcool, viagens, noites sem dormir. Nada disso interferiu em sua beleza. Você continua o mesmo.

— Não sou o mesmo, Harry.

— Sim, você é o mesmo, Dorian. A vida tem sido a sua Arte. Ah, como eu gostaria de trocar de lugar com você! Tenho rugas pelo rosto todo.

— E eu trocaria de vida com qualquer um que me propusesse essa troca. Não quero mais ser como tenho sido.

— Não estrague sua vida renunciando a prazeres, Dorian. Vamos ao clube comigo hoje à noite.

— Hoje quero dormir cedo.

— Então, amanhã. Vamos almoçar com Lady Branksome. Ela é encantadora e quer consultá-lo sobre umas tapeçarias que pretende comprar.

— Preciso mesmo ir, Harry?

— Sim, vamos ao parque antes. Os dias têm estado lindos! Espero-o aqui às onze.

— Está bem — disse Dorian, indo até a porta. — Boa-noite.

Ao se despedir, Dorian hesitou por um instante, como se quisesse dizer algo. Depois suspirou e foi embora. Chegando em casa, disse a Francis que ele podia ir dormir. Sentou-se na sala e ficou pensando sobre sua vida. Não seria possível voltar a ter a inocência de sua juventude? Aquela que ele possuía antes de conhecer Lorde Henry, antes de ter desejado que o quadro envelhecesse e ele permanecesse jovem? Pensou que somente seu desejo de mudança, sua vontade de se tornar um homem melhor, poderia ter alterado um pouco o rosto do retrato. Afinal, era um sentimento nobre que aflorava dentro dele.

Pegou a chave do quarto de estudos e subiu as escadas. Entrou e trancou a porta por dentro, como sempre fazia. Aproximou-se da pintura e tirou a colcha



**ACATOU:** obedeceu





vermelha de uma só vez. Um arrepio percorreu todo o seu corpo. Sentiu como se tivesse levado um soco no estômago. O rosto estampado na tela estava ainda mais feio, o olhar mais sarcástico, a boca com uma expressão maliciosa e sorridente. A mão que havia matado Basil tinha uma coloração ainda mais vermelha e da tela agora brotava sangue.

Dorian deixou-se cair sobre a cadeira onde o pintor fora morto. O que faria agora? Não haveria salvação para ele? James Vane fora enterrado sem nome, Alan Campbell tinha se suicidado e de Basil Hallward, nem o corpo havia sobrado. Ele deveria se entregar à polícia, pensou, mas depois mudou de idéia. Ninguém acreditaria, não havia provas do assassinato e ele acabaria internado como louco.

Foi quando aquele mesmo ódio que sentira de Basil na noite do crime se apoderou de seu corpo e mente ao olhar para aquela figura **HEDIONDA** pintada na tela diante dele. Era isso, ele descobrira uma saída! Iria destruir o quadro. Todo o seu passado seria apagado e ele ficaria livre para viver uma vida sem pecados. Pegou a faca que usara para matar o pintor, limpou-a cuidadosamente, embora não houvesse vestígios de sujeira nela, aproximou-se da tela e enterrou a faca no peito do homem estampado nela.

Os empregados acordaram com um grito agudo e o barulho forte de algo caindo no chão. A cozinheira, a arrumadeira e o mordomo encontraram-se na cozinha, de pijamas, sem saber bem o que fazer. As duas mulheres começaram a chorar, mas Francis decidiu ir até o andar de cima na companhia do cocheiro. Bateram na porta do quarto de estudos, o único cômodo trancado da casa. Não houve resposta. Tentaram arrombar a porta, mas não conseguiram. Por fim, resolveram subir no telhado e alcançaram a janela do lado de fora. Abriam as trancas com facilidade, pois estavam velhas e gastas.

Quando entraram no quarto, viram um lindo quadro pendurado na parede. Era o retrato do patrão, jovem e belo como o tinham visto da última vez. Deitado no assoalho, havia um homem morto, com uma faca enterrada no coração. Ele estava muito bem vestido, mas sua aparência era horrorosa. Tinha o corpo **ATARRACADO** e a pele completamente enrugada. Somente depois de identificarem os anéis que carregava nos dedos é que conseguiram reconhecer quem ele era.

- ☛ **HEDIONDA**: horrorosa, medonha
- ☛ **ATARRACADO**: muito baixo e gordo

## ROTEIRO DE LEITURA

- 1) No Capítulo 5 há uma frase que diz que o livro que Dorian estava lendo “continha metáforas monstruosas como as orquídeas”. O que você acha que o autor quis dizer com isso? Você concorda com a comparação feita por ele?
- 2) Lorde Henry acreditava que “a única maneira de se livrar de uma tentação é entregar-se a ela”. Esta é uma frase célebre deste livro. Discuta com seu professor e colegas o ponto de vista de Lorde Henry e descubra se você concorda com ele.
- 3) Por que você acha que o pintor Basil Hallward idolatrava Dorian Gray? O que aconteceu com sua arte depois que ele conheceu o jovem?
- 4) Lorde Henry disse a Dorian que “os únicos artistas agradáveis são os maus artistas”. Por que ele disse isso? Analise a biografia de Oscar Wilde, o autor deste livro. Depois compare-a às idéias de Lorde Henry. Você concorda com elas?
- 5) Que tipo de homem era Lorde Henry? Por que poderia ser chamado de “dândi”?
- 6) Quais as diferenças entre Basil Hallward e Lorde Henry? Quais eram seus valores de vida?
- 7) Você acha que Dorian era tão fascinado por Lorde Henry quanto Basil Hallward era fascinado por Dorian? Justifique sua resposta. Que tipo de influência Lorde Henry exercia sobre o jovem pianista?
- 8) O que Dorian gostava em Sibyl Vane? Por que deixou de amá-la? Se fosse você, também a teria deixado?
- 9) Por que Sibyl não conseguia mais atuar bem?
- 10) Qual foi a reação de Dorian quando soube da morte de Sibyl? Se não fosse pela influência de Lorde Henry, ele teria agido de forma diferente? Quem você acha que estava certo, Lorde Henry ou Basil Hallward, ao falarem com Dorian sobre a morte de Sibyl?
- 11) Por que Dorian Gray queria comprar ópio depois de ter assassinado Basil Hallward? Qual era a frase que não saía de sua cabeça no caminho?
- 12) Em que tipo de lugar ele foi comprar a droga? Você acha que as pessoas que estavam naquela casa eram pessoas felizes? Justifique sua resposta.
- 13) Você acha que, se Basil Hallward tivesse destruído o quadro assim que acabou de pintá-lo, como ameaçou fazer, Dorian teria morrido naquela hora? Justifique sua resposta.
- 14) Lorde Henry afirma, numa conversa com Basil Hallward, que “ser bom é estar em harmonia consigo mesmo, e não com os outros”. O que você acha dessa frase? Discuta com seus colegas e diga se você concorda com ela.
- 15) Duas peças de William Shakespeare são mencionadas na história. Quais são elas? Descubra, com a ajuda de seu professor (a) de português, quem foi William Shakespeare e por que ele é tão importante para a literatura mundial.



- 16) O que representava o retrato na vida de Dorian Gray? Quando ele se deu conta disso?
- 17) Quando Dorian mostra o retrato deteriorado para Basil, ele afirma que “todos nós temos o Céu e o Inferno dentro de nós”. Outro livro da Coleção Aventuras Grandiosas chamado O Médico e o Monstro trata desse assunto. Leia o livro e faça um paralelo entre ele e O retrato de Dorian Gray. Que semelhanças existem entre os dois títulos?
- 18) O que você acha que Dorian tinha contra Alan Campbell? Como conseguiu fazer com que o químico o ajudasse?
- 19) Lorde Henry acredita que “o crime é algo exclusivo das classes mais baixas”. Isso é verdade? Justifique sua resposta.
- 20) Você gostou dessa história? De que parte do livro você mais gostou? De que parte você menos gostou? Justifique sua resposta.



# O RETRATO DE DORIAN GRAY

**Oscar Wilde**

## BIOGRAFIA DO AUTOR

Oscar Fingal O'Flahertie Wills Wilde nasceu em 16 de outubro de 1854 em Dublin, na Irlanda. O jovem, que mais tarde se tornaria uma referência na literatura inglesa do século XIX, começou a estudar língua e literatura grega em Dublin. Elogiado e premiado nessa área, conseguiu uma bolsa de estudos para estudar em Oxford no ano de 1874, onde também se destacou e ganhou prêmios, um deles em 1878, por seu poema "Ravenna". Durante o tempo de estudo, Wilde fundou o Movimento Estético, que combatia a arte vitoriana e pregava o conceito da "Arte pela Arte", uma atitude moral com brilho novo, sem apego a tradições.

Depois de se formar, Wilde viajou para a Itália e a Grécia, indo em seguida morar em Londres no ano de 1879. Publicou nessa época seus primeiros textos clássicos. Aos poucos sua produção literária foi crescendo e Wilde se tornou uma figura importante nos meios sociais e literários de Londres. Publicou dois livros de contos, O Fantasma de Canterville (1887) e O príncipe feliz e outras histórias (1888), além deste único romance, O retrato de Dorian Gray (1891). Alguns livros marcaram sua carreira como dramata, O leque de Lady Windermere (1892), Uma mulher sem importância (1893) e A importância de ser prudente (1895).

Oscar Wilde era conhecido não só por seu trabalho, mas também por sua aparência física. Muito alto e de personalidade forte, vestia-se de maneira avessa aos costumes da moda, usando roupas coloridas e excêntricas durante festas e eventos sociais. Rejeitava a aristocracia e por isso gostava de chocar e de ter a liberdade de ser quem ele quisesse, sem regras e conveniências.

Embora tenha se casado com Constance Lloyd, também irlandesa, e tido dois filhos, havia rumores em Londres de que Oscar Wilde fosse homossexual. No ano de 1895, enfrentou uma disputa jurídica contra o Marquês de Queensbury, que o acusou de manter relações com seu filho Lorde Alfred Douglas. Revelada a identidade de seu amante, Oscar Wilde foi condenado a dois anos de trabalhos forçados por homossexualismo. Durante esse período, escreveu um de seus poemas mais marcantes, publicado em 1898, "A Balada de Cárcere de Reading", no qual descreve a vida na prisão, e um texto em forma de carta a Lorde Alfred chamado De Profundis. Morreu em Paris em 30 de novembro de 1900. Estava pobre e sozinho, abandonado pela família e os amigos, praticamente esquecido do grande público.




COLEÇÃO

# AVENTURAS GRANDIOSAS

Série 3



 **EDITORA  
RIDEEL**